

ENTREVISTA A

FILOMENA LOURO



LÍNGUAS
DOCÊNCIA
TEATRO

MAIO DE 2024

AS LÍNGUAS



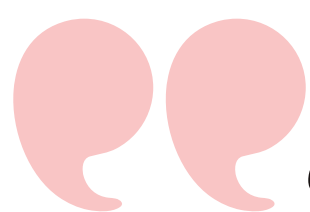
Eu quando era miúda escolhi línguas, conscientemente, aos 12 anos. Achei que o que eu queria era falar as línguas das outras pessoas que eu fosse conhecer, e talvez também porque tivesse gostado muito das professoras de francês ou do ambiente que se respirava no Instituto de francês.

MERGULHAR EM OUTRAS CULTURAS

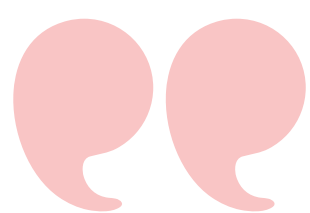


Eu, por exemplo, podia ler revistas que não encontrava facilmente cá fora ou nem sequer tinha dinheiro para comprar, e estavam na biblioteca do Instituto francês para nós vermos. No Instituto britânico, também era uma instituição muito enraizada na cultura portuguesa, mas dava-nos acesso a um outro mundo, e estas eram assim umas pequenas ilhas de pensamento divergente do instituído. Sem ter o equipamento crítico para o identificar, eu acho que sentia que ia para outro país quando entrava no Instituto de francês.

TRABALHAR NA U.M.

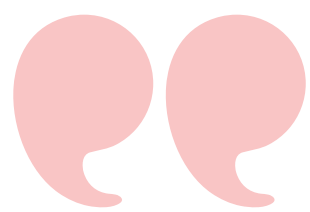


ele disse-me uma frase, acerca de trabalhar na U.M., que me ficou para sempre “Sabes, isto aqui é novo, ninguém se conhece o suficiente para se odiar.”



O que foi fantástico acerca de trabalhar aqui é, que de facto, era uma instituição nova, tinham um paradigma de ensino e de aprendizagem diferente, tínhamos turmas muito pequenas, E depois o facto de que se tentava simular a imersão na cultura da língua que se ensinava.

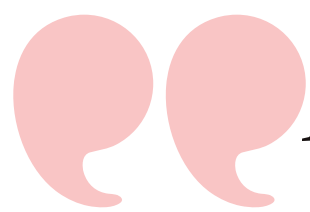
UM LIVRO MARCANTE



às vezes a gente fala que há livros que mudaram a nossa vida, e, de facto houve um livro que mudou a minha vida, que foi o livro que eu escolhi, uma coleção de peças de teatro, para dar teatro inglês contemporâneo. Era um dos clássicos da Penguin, então tinha peças da Yeats, Synge, O'Casey e John Osborne, portanto era o século XX até aos anos 50/60, o John Osborune na geração dos Angry Young Men



O TEATRO



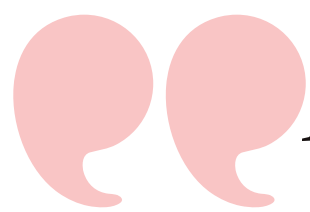
A minha pequena revolução foi estudar as peças de teatro que eu ia ensinar com um ator. Não era um professor, era um colega, mas trouxe-me uma abordagem muito diferente daquilo que eu recolhia dos livros, e portanto tive um estudo académico, e depois tive este prático, sem eu nunca ter posto um pé em cima de um palco, pude ver o outro lado. E isso, acho que depois ao fim, na minha escolha, foi preponderante para eu achar que era por aqui que eu queria vir.

LEVAR OS ALUNOS AO TEATRO

“Uma constante ao longo destes anos em que eu trabalhei aqui na Universidade do Minho foi que procurei sempre levar alunos ao teatro, para eles verem outro palco além daquele que eu pisava, que é o estrado do anfiteatro.

“nestes últimos anos que temos ido ao teatro São João ao Porto, também há muita gente que entra no teatro pela primeira vez, e agora, supostamente, as coisas já são mais acessíveis e há mais teatros. Mas essa capacidade de reclamar a cultura como um direito nosso ainda não está concretizada universalmente. Há muitas pessoas que acham que isso que não é uma prioridade.

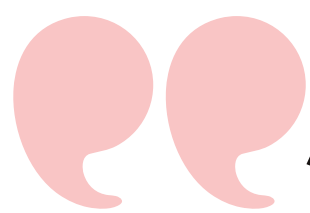
ELEIÇÃO DEMOCRÁTICA DO REITOR



A primeira eleição de um reitor depois do 25 de Abril, numa sociedade livre. Isso acontece na Universidade do Minho. O sistema é: um homem, um voto, todos os estudantes e todos os docentes podem votar neste reitor. Vai ser o primeiro reitor eleito pela academia depois do Marquês de Pombal ter tomado conta da administração das Universidades com a expulsão dos Jesuítas. E quem é que é eleito? O Professor Lúcio Craveiro da Silva, que tinha já sido o provincial da ordem dos jesuítas em Portugal. Portanto, digamos, desde o seéculo XVIII, ao fim do século XX, de repente, quando a academia é chamada a eleger a sua chefia, escolhe outra vez um Jesuíta

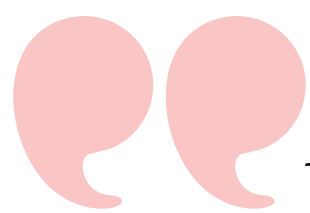


CRIAÇÃO DE CURSOS NA U.M.

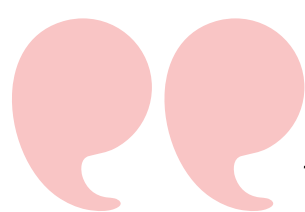


se eu pensava que podia fazer isto? Não, eu não sabia. Eu não sabia o que é que fazia um professor universitário além de dar aulas e nos abrir ideias. Eu aprendi coisas fantásticas com os meus professores, li livros que não sabia que existiam. Eu vejo a qualidade de um professor na capacidade de suscitar admiração e novidade. Ensinar coisas que as pessoas já sabem não é mesmo um desígnio universitário. É inspirar dúvidas, inquietações, questões, para depois serem resolvidas por pessoas que estudaram outras coisas e que vão equacionar as perguntas da sua disciplina de uma maneira diferente e mais informada.

A SEPARAÇÃO DA UNIVERSIDADE

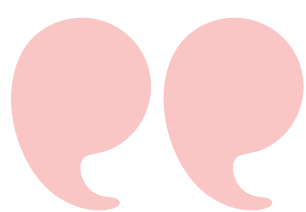


Este processo de dissociamento de uma carreira profissional tão longa, tem de se fazer com muita calma, com muita ponderação, porque é um corte muito grande. Há pessoas que saem da escola e nunca mais pensam no assunto, eu não era capaz de fazer isso.



Eu ainda estou penso que mais um ano ou dois aqui ligada à universidade por vínculos humanos de conduzir o trabalho até ao fim. E depois penso que, nos anos que me sobrarem - eu estou de boa saúde, não tenho intenção de ser atropelada por nenhum autocarro - portanto, nos anos que me sobrarem, eu penso poder participar da vida da Universidade na minha atual situação





*a universidade ainda
me traz bastante
prazer e ainda volto
aqui com muita
alegria, não é uma
porta que eu feche e
deito fora a chave.*

